

# Prólogo

Admirável Mundo Humano

Era outono, mas não fazia a menor diferença em Salvador. Normalmente Eduardo costumava apenas lembrar que naquela estação é quando aconteciam as chuvas mais fortes na região e estas causavam grandes impactos na cidade, principalmente envolvendo o trânsito.

E esta era a sua maior preocupação agora.

A vida de Eduardo não era muito atarefada. Ele já era bancário há pelo menos dez anos, tinha largado a faculdade no terceiro semestre de engenharia civil, logo após passar no concurso que era o responsável pelo seu emprego. Seu salário não era dos melhores, mas também não estava entre os piores e isto era mais do que o suficiente para ele.

Não havia muitos clientes no banco naquele dia e isto não era anormal para Eduardo, devido ao final de mês. Para melhorar, o banco era localizado no bairro calmo da Graça, então até mesmo nos "dias de pico" a situação não era tão desagradável assim. Já tinha algum tempo que ele olhava para a janela, apenas observando a chuva cair. Também alternava a visão para o seu relógio, não apenas esperando ansiosamente pelas 16 horas, seu horário de saída, como também para contar o tempo que estava olhando para o além. Pelas suas contas, eram 42 minutos.

Um chamado pelo seu apelido desviou sua atenção.

?- Duda!

Ele atendeu rapidamente ao chamado e olhou para o rosto do seu velho amigo. Eles eram colegas de trabalho há mais ou menos cinco ou seis anos, Duda não se lembrava ao certo. Aquele ser também era uma das poucas pessoas que ele considerava verdadeiramente como "amigo", diferente da maioria dos seus outros colegas.

**Eduardo**- Opa... fala aí, Gabriel.

**Gabriel**- Cara, você tá ligado que hoje é sexta, né? O senhorzinho nem mesmo pense em ir para casa, porque teremos um happy hour!

**Eduardo**- Eu não sei, cara... olha só para este tempo.

**Gabriel**- E você é feito de açúcar? De qualquer forma não ficaremos do lado de fora, tem um bar ótimo no Rio Vermelho que me recomendaram na semana passada e dizem que tem uma grande quantia de gatinhas.

Por algum motivo, aquele 'e' forçado de Gabriel na palavra "gatinhas" causava sempre no mínimo um sorriso em Eduardo.

**Eduardo**- No Rio Vermelho? Eu não sei... não é meio longe?

**Gabriel**- Não sei onde está a parte em que eu perguntei se queria que você fosse. Eu estou afirmando. Você VAI! Acha que eu não percebi o quanto anda pra baixo após Livia ter dado um fora em você? Não, não, amigão... o senhor não vai para casa comer pipoca e tomar coca-cola enquanto vê um filme de romance para chorar mais ainda. Hoje nós vamos se divertir!

Apesar de não gostar da ideia, Eduardo acabou soltando uma pequena risada.

**Eduardo**- De onde você tirou a ideia que...

**Gabriel**- Eu te conheço, man! Você sempre faz isso quando uma dessas vadias termina com você. Antes da Livia foi a Cláudia e antes foi aquela... qual é o nome dela mesmo? Camila?

**Eduardo**- Cinthia.

**Gabriel**- Isso! Cinthia! E ela foi a mais vadia de todas, porque nem sequer chegou a terminar com você de fato!

**Eduardo**- OK... obrigado por contar isso para todo o banco. Talvez aquelas pessoas que estão nos caixas eletrônicos ainda não te ouviram...

**Gabriel**- Não fuja do assunto! O ponto é que você não vai entrar em depressão. Não enquanto eu for seu amigo.

Duda ficou pensativo por um tempo. Gabriel sempre tinha bons argumentos para lhe convencer a esse tipo de coisa e desta vez não era diferente. Não agradava ter que ir a um bairro que era localizado a mais de seis quilômetros de distância, mas de qualquer jeito sabia que seu amigo não desistiria tão fácil e ainda teria uma chance de pegar uma carona, pois o boêmio bairro do Rio Vermelho era mais da metade do caminho que teria que percorrer de qualquer jeito para chegar em casa.

**Eduardo**- Tá. - dizia, ainda que meio relutante. - Eu vou.

**Gabriel**- Bom saber que escolheu o caminho mais fácil. Te vejo em... - olha rapidamente para o relógio - vinte minutos se esta coisa estiver certa.

E se afastou. Não impressionava Eduardo o fato de ser três e quarenta da tarde e isto lhe deixava até alegre. Sextas-feiras eram sempre um pouco mais alegres que os outros dias da semana.

A chuva continuava a cair com força do lado de fora. Ele não podia ouvir absolutamente nada, mas tinha a certeza que estava ainda pior que antes. Simplesmente tentou esquecer aquilo e começava a arrumar o seu material. O movimento era tão baixo que já estavam começando a fechar a porta principal e a puxar o vidro que dividia o banco dos caixas eletrônicos.

?- Então... você vai sair com o Gabriel?

A voz lhe chamou atenção. Era uma de suas colegas de trabalho, chamada Naiane. Era consideravelmente bonita e jovem, aparentemente vinte anos, mas ele não sabia ao certo, pois nunca perguntara a sua idade. Tinha cabelos morenos mais longos do que normalmente é visto em mulheres. Todas as medidas do seu rosto e corpo eram razoáveis e seus olhos apresentavam um bonito tom de azul marinho, mas para Duda ela não passava de uma colega de conversas avulsas, mais pelo fato de trabalhar no caixa que ficava ao seu lado.

**Eduardo**- Como você pode ver, eu não tive muita escolha...

Naiane riu com tal afirmação.

**Naiane**- Pude ver. Ele te deixou de cara com a parede, como costumam dizer...

**Eduardo**- Pois é... ei, - disse, subitamente - não quer vir conosco? Isso é, se não tiver nada marcado...

**Naiane**- Ah, não. - a resposta foi um pouco mais rápida do que ele esperava - Obrigada pelo convite de qualquer forma, mas... eu acho que vou preferir ficar em casa. - e apontou para o lado de fora.

Duda suspirou.

**Eduardo**- Esta é uma das razões também porque relutei tanto em aceitar a ideia...

Ficaram em silêncio logo depois. Normalmente a conversa entre os dois nunca ia

muito além de quatro ou cinco diálogos e Eduardo não sabia bem a razão disto. Em um dos seus momentos de pensamento chegou a conclusão que eles simplesmente nada tinham em comum, mas nunca pôde comprovar aquilo e, de certa forma, não lhe importava tanto assim naquela hora. Pegou o resto dos papéis que já estavam empilhados e se dirigiu para onde ficavam os armários dos empregados. Ainda não era o momento de sair, mas tinha certeza absoluta que não seria mais importunado, pois a porta da frente já estava inacessível para quem vinha de fora.

Cumprimentou, como de costume, todos os colegas que viu pelo caminho. Não vira Gabriel em lugar algum, mas sabia que ele apareceria "magicamente", ou ao menos era assim que pensava, pois parecia vir de lugar nenhum.

E foi exatamente o que aconteceu logo após ele voltar aos caixas.

Eduardo era o completo oposto em relação a Gabriel. Enquanto Duda era negro, característica da maioria soteropolitana, com cabelos bem escuros e curtos, raspados por máquina e olhos negros, Gabriel compartilhava o inverso: era branco, loiro e cabelos longos, seus olhos eram de um tom verde escuro. No resto do físico eles também se diferenciavam bastante, já que Eduardo era alto, "um metro e noventa e dois centímetros", sempre dizia orgulhoso para todos que elogiavam sua altura, também tinha um peitoral atrativo para muitas mulheres. Gabriel não chegava a ser baixo, mas sua altura não ia muito além do comum e apresentava um pequeno sobrepeso.

**Gabriel**- Ei, o chefinho falou que todos já podem ir. Para evitar engarrafamentos e tal.

**Eduardo**- Vamos então, né?

**Gabriel**- Você me diz.

O prédio do banco tinha uma espécie de garagem que servia como um misto de vagas para empregados e clientes e era possível descer diretamente para lá, sem sofrer chuva. Isso aliviou bastante Eduardo, que não estava com vontade nem mesmo de correr.

Seu amigo tinha um novo pálio de cor vermelha. Já tinha deixado claro a ele que era a sua cor predileta tantas vezes que Eduardo se perguntava se ele comentaria sobre a partir do ponto que entrassem no carro.

Mas aconteceu algo bem diferente. Gabriel era tão tagalera que era de se estranhar que estivesse calado e, ainda mais, sem ligar o carro. Ao olhar em sua direção, percebeu que ele mantinha apenas os olhos fixos nele e já sabia o que isso significava.

**Eduardo**- Eu tô bem... tá bom?

**Gabriel**- Não, não está. - Falou quase imediatamente. - Você nunca fica bem quando acontecem essas coisas e isso me preocupa. Por que ela terminou com você?

**Eduardo**- Ela não terminou comigo! Quem terminou tudo fui eu!

**Gabriel**- Se isso fosse verdade você não estaria gritando.

**Eduardo**- Eu não estou gritando! Eu estou...

Parou, logo ao perceber que era uma nítida contradição.

**Eduardo**- OK, ela terminou comigo. - continuou, desta vez tentando manter o tom normal - E no quê isso importa?

**Gabriel**- Nada, eu acho. Exceto que você fica com essa cara de bunda por uma semana sempre que isso acontece.

**Eduardo**- Não acho que estas piadinhas estejam ajudando.

**Gabriel**- De fato. - Girou a ignição - E é por isso que vamos para um lugar anti-caras de bunda. E você nem pense em desrespeitar essa regra.

Não falaram por algum tempo. De dentro do carro a visão da chuva dava um aspecto que ela estava ainda pior do que vista no banco e não demorou para que encontrassem o primeiro engarrafamento. Gabriel apenas resmungava coisas sobre os motoristas, enquanto Eduardo preferia manter o silêncio. E assim permaneceram até chegarem ao seu destino, mesmo que o tempo que durara o percurso fosse quase duas vezes maior do que o normal.

O local que o amigo de Duda havia recomendado era recém-inaugurado e parecia mesmo agradável a primeira vista. Era completamente coberto e tinha fácil acesso, o que era perfeito para aquele dia em que a água resolvia cair continuamente sem previsão de término. Gabriel estacionou o carro em um local próximo e sofrer um pouco da chuva era inevitável. Nada que pudesse afetar o humor dos dois, porém.

Parecia que muitos tiveram a mesma ideia de Naiane, pois o local estava nitidamente mais vazio do que o esperado. Mas antes que pudesse tirar quaisquer outras conclusões, Gabriel disse a Eduardo:

**Gabriel**- São quase cinco da tarde ainda. Dizem que este lugar enche a partir das sete.

**Eduardo**- E sei que você não vai me deixar ir embora antes disso. - sua fala tinha um leve tom sarcástico.

**Gabriel**- Você aprende rápido, eu gosto disso. - e aproveitava para olhar ao seu redor. - Bom, possa ser que ainda não esteja cheio, mas vejo alvos. Definitivamente vejo alvos.

Duda abriu um sorriso quando entendeu o que seu colega de trabalho queria dizer. Logo a frente, sentadas ao redor de uma mesa, estavam duas mulheres, que pareciam estar sozinhas. Estavam muito bem arrumadas, além de terem uma beleza muito superior a média padrão de Salvador e conversavam sobre algo que as interessava tanto que não chegaram nem mesmo a desviar o olhar. Gabriel acelerava os passos para chegar ao seu objetivo, mas foi parado por seu amigo.

**Eduardo**- Eu... eu acho que vou beber um pouco antes.

**Gabriel**- Ahh... - resmungava algo demonstrando desapontamento. - eu até lhe impediria, se não soubesse que este lugar só fecha as cinco da manhã. Temos muito tempo ainda, faça o que quiser.

Como Eduardo queria "afogar as mágoas" de qualquer jeito, foi um alívio em saber que não teria que discutir com seu amigo inutilmente naquele lugar. Sentou no bar mais próximo e pediu uma cerveja.

**Barman**- Só temos Heineken.

**Eduardo**- E você ainda trata isso como problema? Só me dê logo uma.

O barman abriu um sorriso.

**Barman**- É que geralmente as pessoas preferem Skol, mas bem... isso não é da minha conta. Aqui está.

A long neck estava estupidamente gelada e foi o suficiente para causar uma boa impressão para Duda. Nada melhor do que uma boa bebida para refrescar seus pensamentos.

Havia uma pequena TV LCD pendurada no bar que estava ligada em um canal de notícias. Como não havia nada que lhe interessasse e que lhe entretesse ao redor,

logo acabou prestando atenção no que estava passando.

O som ambiente estava muito mais alto do que o da TV e foi bem difícil de entender o que vinha dela, mas um letreiro deixou bem claro que era em Tóquio, capital do Japão. A cidade ainda estava bastante escura e isso não impressionou Eduardo. "São doze horas de diferença, afinal", pensou.

A reportagem mostrava inicialmente as ruas e ainda era meio curioso para Duda o que faziam no Japão naquele horário. Quase como se pudesse ler sua mente, o barman ativou o "closed caption" da TV e ele agradeceu. Um símbolo indicava que a reportagem era ao vivo, o que tornavam as coisas ainda mais curiosas.

O repórter vestia uma jaqueta preta e era perceptível que fumaça saía da sua boca enquanto falava. Nada incomum, pois ainda estava no início da primavera por lá e Eduardo sabia disto. Por ser uma reportagem ao vivo, o "closed caption" era atrasado e não restava muitas opções a ele de acompanhar, por isso esperava pacientemente para entender o que o jornalista estava falando.

**Repórter**- Estamos aqui em Tóquio, Japão. São exatamente quatro e quarenta e duas da madrugada e no momento a temperatura local é de seis graus. Mas não estou apresentando esta reportagem para falar do quanto a capital japonesa está fria e sim de algo indagante que está acontecendo por aqui. Tenho aqui ao meu lado, Ichiro, que insiste que não está fantasiado...

E parou de ler os textos. Seus olhos pareciam não acreditar no que estava vendo.

O tal do Ichiro apresentado pelo repórter era um pônei, mas não apenas um pônei comum. Ele tinha duas grandes asas, em que uma estava semi-aberta e outra fechada. Sua crina era ruiva e a cor dos seus pêlos era de um bonito ciano que provavelmente não seria detectável se a luz da câmera não o estivesse focando. O japonês não parecia um pônei comum e tinha vários traços cartunescos como os olhos, que eram grandes e com a íris verde escura. Era quase como se fosse um cosplay de um conhecido desenho para Eduardo.

Seu espanto aumentou ainda mais quando o pônei começou a falar. O "closed caption" não detectava o japonês, que era traduzido vagamente pelo próprio repórter, mas ele não prestava mais atenção nos textos. Muitos outros pensamentos vagavam pela sua cabeça.

**Gabriel**- Heineken, hum? Deixe-me pegar um pouco enquanto aquelas gatas vão ao banheiro.

Demorou para reagir ao que seu amigo havia falado, resmungando algo que deveria ser parecido com um "tudo bem". Gabriel logo notou e resolveu olhar para a mesma direção.

**Gabriel**- Quem esse cara está entrevistando? Ichiro Sakamoto, estudante. Mas o que esse cara tem de...

Soltou a garrafa da cerveja no mesmo instante que teria quebrado se não fosse a mesa do bar. O funcionário que tinha atendido Eduardo, deixou rapidamente em pé a garrafa quando esta virou, soltando um "tome mais cuidado" no mesmo instante.

**Gabriel**- Eu não acredito! Haha! Eu simplesmente não acredito! - e começava a rir incontrolavelmente.

**Eduardo**- Eu sei. - foi tudo o que conseguiu dizer.

**Gabriel**- Cara, você sabe que eu acho esse desenho uma verdadeira bosta, mas... olha para isso! Esse cosplay está perfeito! Deu até um ar de realidade! Eu consigo

ver a divisão dos pêlos dele! Como conseguiram isso? Asiáticos, eu sei, mas... noooooooooossa! - soltava um grito de sincera surpresa enquanto o repórter pedia para o câmara-man acompanhá-lo e mostrava mais outros pôneis como Ichiro. Alguns eram apenas pôneis comuns com traços de desenho e olhos grandes, enquanto outros tinham asas como o primeiro entrevistado. Eles também podiam ver ao fundo alguns com um nítido chifre no meio de suas testas, que também variavam em tamanho.

O repórter apresentava e falava o mais breve possível com cada um deles. As cores eram bastante variadas, entre branco e até mesmo vermelho. Eduardo se perguntava se só veria pôneis, mas em um dos focos do câmara, conseguiu ver uma multidão considerável logo atrás de japoneses. Curiosos que provavelmente sabiam tanto quanto ele sobre o que estavam vendo.

**Gabriel**- Tenho que admitir que ficou um trabalho excepcional, mas e aí... essa reportagem fala sobre o quê? Vai ter uma passeata de pôneis malditos por Tóquio hoje?

**Eduardo**- Eu... não sei. - normalmente se chateava com o amigo quando este referia àquele tipo de pôneis como "pôneis malditos", mas desta vez não se importava tanto assim. - O repórter parece que jura que eles não estão fantasiados.

Gabriel soltou uma gargalhada tão alta que chamou atenção de boa parte do estabelecimento.

**Gabriel**- Mas é claro que não. Eles são pôneis mágicos falantes! Sério, cara, já foi difícil aceitar que você gosta dessa... coisa... de verdade e você ainda vem me dizer que está acreditando nesta reportagem apelativa?

**Eduardo**- Não estou dizendo que estou acreditando. - já estava visivelmente chateado. - Mas não acho que passariam algo desses na TV a toa. E bem... não sou eu que estou dizendo que eles não estão fantasiados, o próprio repórter que disse.

**Gabriel**- Como você está ouvindo o que ele fala? Não consigo... - parou logo que mais textos começavam a passar na tela. - Ah. Bem, quem garante que o carinha por trás dos textos do salvador closed caption não esteja fazendo uma "trolagem" ao vivo? Sei lá, isso é mania agora...

**Eduardo**- Não lhe parecem perfeitos demais para que seja apenas uma "trolagem"?

**Gabriel**- Eu já disse que apreciei o trabalho deles, porque está mesmo muito bom, mas... é sério? Você quer me dizer que acredita que existam... como é o nome desses que tem asas mesmo... ah, pégasos! E unicórnios no Japão agora?

**Eduardo**- Eu sei que é difícil de acreditar, mas... olhe! - e apontou para a TV. - Acha que uma fantasia consegue fazer aquilo?

Atendeu a ordem no mesmo instante. O câmara estava filmando um dos pégasos em pleno ar, fazendo piruetas variadas e vôos rasantes. O repórter exclamava várias coisas que foram transcritas com um atraso além do normal.

**Repórter**- Apesar de parecer óbvio para todos vocês o que este pégasos está gritando, traduzirei. Ele disse: "Vejam, estou voando! Estou voando!".

**Gabriel**- Pfft. - fazia um som simbolizando desprezo. - Vejam só como essa coisa é armada. Ele não parece nem mesmo tão impressionado assim.

Eduardo não respondeu.

**Gabriel**- OK, - aproveitou para continuar, após um breve silêncio. - Lhe deixarei vendo esta "reportagem" aí, porque meus olhos detectaram que elas voltaram do banheiro. Quando o repórter disser "pegadinha do malandro!", venha se juntar a nós.

**Eduardo**- Uhum.

Ele ainda continuava focado na notícia. Os pôneis pareciam ser bem reais, mas seu amigo tinha razão: é claro que não eram! Os únicos pôneis que existiam naquele mundo eram comedores de palha sem graça que não serviam para nada mais além que montar crianças e realizar sonhos de meninas pequenas que ainda não eram tão pesadas para eles aguentarem nas costas. Aquela era a lógica e pôneis parecidos com o que via no desenho que tanto amava eram apenas fictícios, por mais empolgante que fossem a existência dos mesmos na vida real para Eduardo.

Não podia se enganar, aquela reportagem era sim uma pegadinha. Não fazia sentido algum que não fosse.

*My Little Pony: Friendship is Magic*, era esse o nome do desenho que ele tanto amava. Parecia extremamente infantil para quem nunca parou para assistir um episódio por completo, mas Duda sabia que isso não era verdade. Já havia recomendado para vários amigos, incluindo o próprio Gabriel, buscando fazer novos "bronies", como assim eram chamados os fãs adultos do cartoon. Até então sua missão estava longe de ser bem sucedida e o saldo de "convertidos" ainda não tinha ultrapassado o número sem valor. Sabia que o ideal seria "forçar" seus amigos a assistirem, seria a única forma para eles gostarem, mas todos reagiam muito mal a tal ideia e logo tinha desistido. Pelo menos até aquele momento.

Seus pensamentos foram dissipados logo quando a câmera focou apenas no repórter.

**Repórter**- Parece difícil de acreditar, mas é exatamente isto que está acontecendo por aqui. Não sabemos a razão real, mas recebemos relatos vindos do Fiji, Nova Caledônia e Nova Zelândia, que diziam que está acontecendo o mesmo por esses lugares. Temos uma equipe de reportagem a caminho de Wellington, capital da Nova Zelândia neste exato momento, para tentarmos comprovar se é verdade.

Fiji? Nova Caledônia? Nova Zelândia? Eduardo logo assimilou o padrão. Todos eram países que ficavam bem ao oriente, mais ainda que o próprio Japão. Por algum motivo, alguma espécie de "ponificação" começava a acontecer no oriente do mundo.

Mas o que significava aquilo? Se era mesmo verdade, por que aquilo estava acontecendo? Será que aconteceriam no ocidente? Eram perguntas que ele tinha certeza que não seriam tão rapidamente respondidas.

Por mais absurdo que aquilo parecesse de início, ele começava a acreditar. Claro que tudo poderia ainda ser uma armação de mau gosto, mas qual seria a razão? Bronies não eram tão conhecidos assim no Brasil e até mesmo no país de origem do desenho, Canadá e seu vizinho, Estados Unidos, ele era famoso, mas não a ponto de fazerem uma pegadinha daquele nível. Não haviam tantas pessoas assim que não gostassem de pôneis a ponto de realizarem uma obra tão cruel como aquela, se esta não fosse verdade.

Tinha que ser verdade. Só podia ser verdade e aquilo fazia ele sentir uma alegria estranha, uma alegria que só sentira quando conheceu o cartoon, quando descobriu que os "pôneis malditos" estavam longe de serem malditos. Se surpreendeu quando percebeu que lágrimas caíam do seu olho involuntariamente e tentou esconder seu rosto, com medo de que alguém estivesse olhando. Enquanto estava cabisbaixo, bebeu mais um gole de cerveja e resmungou baixo o suficiente para que nem mesmo o barman, que estava de costas, o ouvisse.

**Eduardo**- Deus... não, Deus não... Celestia queira que isso seja verdade.

Colocou a garrafa vazia em cima da mesa e se dirigiu o mais rápido possível ao banheiro quando percebeu que se emocionaria muito além do normal.